

A ESTAMPA FLORAL DO QUADRO DE MANET: História da arte e memória da moda do século XIX

Claudia Gaspar (Mestranda em História, UFJF)

Resumo: *Este artigo busca fazer uma análise em relação ao quadro Lola de Valence do pintor francês Manet e de sua memória hoje simbolizada pela estampa floral representada na vestimenta da jovem bailarina espanhola. Com flores de cores vivas que se destacam sobre um fundo preto em nuances de tons variados, a estampa muito contribuiu na construção de uma imagem com grande fidelidade à tradição da moda espanhola no século XIX.*

Palavras-chave: *História, Moda, Memória.*

Abstract: *This article seeks to do an analysis of Table Lola de Valence French painter Manet and his memory today symbolized by the floral print dress shown in the young Spanish dancer. With bright flowers that stand out against a black background in shades of varying shades, the pattern has contributed in building an image with great fidelity to the tradition of Spanish fashion in the nineteenth century.*

Keywords: *History, Fashion, Memory.*

Não tenho aqui a pretensão de fazer um estudo sobre a vida do artista, nem mesmo sobre a sua produção artística, visto que para tal seria necessário demandar um tempo muito maior, uma análise completa e ampla, principalmente se considerarmos a importância de um artista como Manet para a história da arte.

Também não tenho a intenção de tentar explicar uma obra artística, mas como toda e qualquer criação, uma imagem é uma construção, uma idéia que foi concebida em determinado momento e que permanece no tempo através das escolhas feitas, tais como: o motivo, os elementos, traços, o estilo das pinceladas, luz e sombra, as cores e outras formas do fazer, que de certa forma nos mostram o olhar do artista em relação ao tema. Historicamente falando, os acontecimentos e o período de vida de todos nós têm uma grande

influência sobre as nossas escolhas e o que deixamos como legado. Assim, o meu objetivo é tentar perceber o olhar de Manet ao pintar *Lola de Valencia*, bem como as críticas ou aceitações, isto é, a repercussão do quadro naquela época e como é visto nos dias atuais. E o que nos revela em termos de moda e história da arte. Mas sem deixar de levar em consideração que “a história de uma cultura não se desenvolve linearmente (...). Em geral, a cronologia é uma conveniência”. (FRIEDRICH, 1993, p. 13).

Além disso, chamou-me a atenção no quadro *Lola de Valencia* de Manet, em especial, a estampa floral de influência espanhola que foi representada na obra como parte da vestimenta da dançarina. A saia em questão, através da sua pintura, é o diferencial do quadro para mim, não só por sua beleza, mas também pelo tratamento das cores e pela riqueza de seu trabalho.

E ainda, pela minha formação e experiência profissional, por ter trabalhado como designer têxtil durante vários anos na Ferreira Guimarães, tudo que se refere à estamparia de uma forma geral, atrai o meu olhar, acostumado a perceber as diferentes nuances e possibilidades que a arte disponibiliza em termos criativos para esta área.

Porém, à medida que fui realizando esta pesquisa, o meu interesse e a minha admiração foram crescendo cada vez mais, porque a história de Manet e da obra em questão, assim como de outras obras do artista, de igual beleza e profundidade, foram ficando tão próximas e interligadas, que o foco inicial tornou-se estreito demais para tamanha amplitude do “ser”. A história de Manet se confunde com muitas outras, artistas que viveram em busca de um sonho, um ideal, normalmente alcançados, se este sonho se torna realidade, somente após a morte. Mas ele, em especial, viveu um sonho que se tornou realidade. E ainda é real, porque permanece sobrevivendo até hoje através de suas obras.

A França do século XIX teve um dos períodos mais conturbados de sua história e foi marcada por várias mudanças políticas, sociais, econômicas e nas artes de uma forma geral. Édouard Manet (23 de janeiro de 1832, Paris - 30 de

abril de 1883, Paris) foi um dos principais artistas deste século, pintor e artista gráfico francês que podemos hoje, considerar como um grande precursor da pintura moderna. A procura do realismo levou os pintores da época a abandonarem os temas históricos ou literários e também impessoais ou alegóricos, e a procurarem traduzir nos seus quadros, motivos da própria realidade, representando cenas da época e Manet foi um dos primeiros a adotar tal procedimento. Isto acabou conduzindo-o a novas técnicas e novos caminhos.

Manet nunca escondeu seu desejo de ser reconhecido como pintor e ter suas obras expostas no Louvre. Ele foi um artista que teve uma vida de contradições, sendo alvo de críticas e escândalos que envolveram algumas de suas obras. Isto se deve não apenas aos temas pouco convencionais escolhidos por ele, mas também ao seu temperamento e à sua técnica, que tinha um estilo próprio e não seguia os padrões acadêmicos.

Desde o Romantismo, iniciou-se na França um enorme sucesso espanhol, que se mantinha no Segundo Império, principalmente após o casamento de Napoleão III com a espanhola *Eugénie de Montijo*. Manet inaugurava nesta época um importante período de sua carreira, ano em que executou obras que demonstram predileção por temas espanhóis.

Lola de Valencia foi uma das obras de Manet que provocaria uma desaprovação geral entre os críticos de arte, escandalizados pelo erotismo que sugere a pintura, como sucederia depois com obras como "*Almoço na Relva*" (1863) e "*Olympia*" (1865).

Mas Manet foi guiado principalmente por seu poder de observação. Pode ter sido também influenciado pelas estampas japonesas que começavam a circular na França nesta época, com suas cores vivas e desenhos planos. O fato é que ele não se prendia definitivamente apenas aos padrões clássicos.

Com seu lado revolucionário, Manet influenciou novas idéias que inspiraram o surgimento do impressionismo. Apesar de quase sempre ter suas obras recusadas oficialmente, ele obteve uma grande projeção nos meios

sociais da época. Além dos impressionistas, foram seus defensores Charles Baudelaire, Émile Zola, Zacharie Astruc, Mallarmé e outros escritores.



Édouard Manet, Lola de Valence, 1862, óleo sobre tela, 123 x 92 cm, Museu d'Orsay, Paris, França.

A pintura *Lola de Valência*, que se encontra no Museu d'Orsay em Paris, representa a Lola, nome artístico de Dolores Melea, uma bailarina espanhola, estrela da companhia de ballet de Mariano Camprubí do Teatro Real de Madrid, que atuou com grande êxito apresentando o espetáculo *Flor de Sevilha*, em sua segunda temporada no Hipódromo de Paris, na França em 1862-1863. O público parisiense estava fascinado pela arte exótica da Espanha e seus trajes coloridos e a moda espanhola contagiou Paris.

O quadro representa a bailarina momentos antes de entrar em cena, entre os bastidores. Manet conseguiu que Dolores Melea fosse posar para ele no atelier e o quadro foi inicialmente apresentado em Paris, com fundo monocromático, único, em uma exposição individual na galeria Louis Martinet, no boulevard des Italiens, junto com outras obras.

Depois, possivelmente para expor no pavilhão da Exposição Universal de 1867, em Paris, Manet pintou os bastidores cênicos, inserindo à direita do quadro o público que lotou o teatro, visível através da abertura das bambalinas.

A bailarina, de pele muito branca, em contraste com os olhos e cabelos negros, veste uma deslumbrante saia estampada de cores vivas, com uma blusa e mantilha, brancos, de forma que a figura ressalta em uma silhueta que contrasta com o fundo escuro. Este jogo de claro-escuro é característico da pintura barroca espanhola, da qual Manet era admirador. A pincelada dos braços, das pernas e do rosto é delicada e minuciosa e segundo alguns historiadores, no estilo de Couture, enquanto que para o estampado da saia utiliza uma pincelada rápida e grande quantidade de tinta. A bailarina tem um braço apoiado nos quadris e sustenta com a outra mão um leque semiaberto. *Lola de Valência* mostra-se orgulhosa e segura de seu sucesso, com seu rosto sensual destacado pela mantilha branca, seus expressivos olhos negros mais escuros. Mais uma vez usa as tonalidades clássicas escuras do barroco espanhol em contraste com o branco da mantilha e o preto e vermelho do estampado. A delicada postura da bailarina, com o leque semiaberto e o braço

esquerdo apoiado nos quadris, reforça ainda mais seu espanholismo, traduzindo as origens do folclore espanhol e alcançando um belo efeito volumétrico.

Um dos grandes admiradores deste quadro foi Charles Baudelaire, que escreveu depois de vê-lo, o famoso quarteto: “Entre tantas belezas como em toda parte podemos ver / Eu compreendo bem, amigos, que o desejo hesite; / Mas se vê brilhar em Lola de Valência / O encanto inesperado de uma jóia rosa e preto”.

*"Entre tant de beautés que partout on peut voir,
Je comprends bien, amis, que le désir balance;
Mais on voit scintiller en Lola de Valence
Le charme inattendu d'un bijou rose et noir."
(BAUDELAIRE)*

O retrato desta "jóia rosa e preto" elogiado por Baudelaire em seu poema *As flores do mal* é uma obra-prima da pintura moderna. Esta pintura, que esteve no Louvre (1911) e atualmente fica exposta no Museu d'Orsay, fazia parte da coleção do autor, adquirida em 1878 pelo cantor e barítono Faure.

Em certo sentido, podemos dizer que Manet é a permanência de Goya na modernidade. Seus trabalhos refletem o cuidado com a observação da realidade e da profundidade.

No quadro *Lola de Valência*, particularmente nas linhas dos braços e das pernas, há uma clara influência dos retratos de mulheres que Goya pintou no início do século XIX. A iluminação é característica de muitos retratos, assim como, a colocação dos pés à frente e a mão que sustenta, caída, um leque entreaberto, lembram a pose da *Duquesa d'Alba* de Goya. Também a mantilha e a transparência do tule que cobre o corpete.

O fato é que, de uma forma ou de outra, Manet estava impressionado com os grandes pintores espanhóis e isto se refletia em suas obras. A

influência do estilo, tanto nas posições das figuras como em outros pontos, é evidente e compreensível, até pelo desejo de Manet em retratar o espírito espanhol nestas obras.

Em sua tese de doutorado, Maria Alice Ximenes pesquisando sobre as tradições espanholas, explica sobre a vestimenta tradicional da Espanha. O ato das mulheres cobrirem a cabeça com as chamadas mantilhas, sendo que as mais expressivas eram as de renda, o uso do xale, da saia e do leque. “A mantilha é o grande signo da *maja*. A mulher espanhola representava a identidade da cultura espanhola, tão em voga naquela época; sua pose e seu gesto eram a demonstração de um certo enfrentamento, algo soberbo. As poses de *Lola de Valencia* (Manet), *Duquesa D’Alba* (Goya) e *A Senhora Adela Guerrero* (Courbet) possuem esse gesto-atitude em comum.” (XIMENES, 2009, p.133).

Além disso, segundo Ximenes, a Duquesa D’Alba, mais conhecida como Cayetana, suposta amante do pintor Francisco Goya, marca a história da moda espanhola. “Ela encabeça o movimento plebeu renunciando seu guarda-roupa parisiense, mostra-se de vestido escuro, cuja saia era disposta em babados, mantilha rendilhada, e pose ousada numa atitude de orgulho, impunha o estilo espanhol fosse ela duquesa ou maja dos subúrbios”. (XIMENES, 2009, p. 113).

Sendo assim, o quadro da *Duquesa D’Alba* de Goya pode ter influenciado artistas da época, além de Manet, não só por ser um bonito quadro, representando uma mulher espanhola, mas também pela representação de ser tal mulher, como uma caracterização psicológica da liberdade e da postura da figura feminina no século XIX. Também Carmem, personagem espanhola da literatura francesa de autoria de *Prosper Mérimée*, cujo livro foi publicado em 1845, contribuiu muito para a formação da imagem feminina espanhola como símbolo de atração e erotismo. A representação de uma moda espanhola que dominava a Europa.

E, quanto ao traje, nada representa melhor a tradição espanhola do que a saia. Símbolo da feminilidade, a saia é ainda hoje uma forma de exaltar a atratividade da mulher, diferenciando-a do uso da calça e, como vestimenta, uma peça fundamental no traje espanhol.

Na Espanha, as saias têm estilos diferentes de acordo com cada região. Elas podem ser simples ou longas, com várias sobressaias. Ter apliques escuros ou coloridos. São geralmente estampadas com florais grandes ou pequenos, listradas ou com poás (bolinhas). Também podem ser lisas, com avental em uma cor que faz contraste com a saia. Especificamente “em Valência, o traje feminino consiste no uso do *fichu* de renda, que era uma espécie de lenço-xale usado sobre o decote, saia estampada floral e avental escuro, com o detalhe do penteado, que consiste em tranças enroladas na lateral (como orelhas)” (XIMENES, 2009, p. 107).

Em seu livro, *O corpo da liberdade*, o historiador Jorge Coli, ao comentar sobre o quadro *Lola de Valencia* de Manet, diz que “na tela, chama a atenção a vestimenta colorida da personagem, mas é importante notar como a cor negra é realmente a tonalidade principal. Manet é conhecido por usar infinitas variações de preto”. (COLI, 2010)

Na estampa, realmente a cor negra domina, com variadas tonalidades de preto, e é exatamente o preto que realça ainda mais as cores vivas, o vermelho / rosa, o amarelo, o laranja e o verde. Estas cores se destacam também pela riqueza de gradações existentes. É como se os tons puros fossem misturados aos tons escuros, como se entrassem em interseção com eles formando novas tonalidades e criando a riqueza visual existente.

Além disso, a estampa é um floral lindíssimo. É claro que, tradicionalmente, o traje valenciano é composto de uma saia floral, mas o artista foi extremamente perspicaz em retratar de uma forma tão real e vívida a estampa de Lola. Porque é através dela que a personagem se torna mais “espanhola” e se distingue das demais obras de Goya citadas anteriormente.

A flor é a representação feminina por excelência. Nada é tão feminino, tão identificador quanto à natureza de uma mulher. A flor que brilha em cores variadas e que exala o seu perfume, que enche o jardim de poesia e beleza, que torna a vida mais linda. A flor que é o detalhe perfeito, que é o enfeite do cabelo de “*Olympia*” e o toque macio de pétalas como a pele aveludada da mulher. Que pode ferir com espinhos, mas que com a sua beleza, compensa a dor. A flor e a mulher nunca estiveram tão próximas...

Manet soube ver a flor e a mulher. E a retratou como viu. Ele “costumava dizer ‘*Il faut être de son temps*’ [‘É preciso ser da própria época’]. É essa atitude, é essa compreensão das ansiedades dos tempos modernos que fazem Manet parecer tão moderno. Na verdade, se o termo pós-moderno significa alguma coisa, quase se poderia chamá-lo de pós-moderno”. (FRIEDRICH, 1993, p. 31).

Mas houve muitas críticas a Manet e ao quadro *Lola de Valencia*. Foi um quadro considerado ambíguo, com certo erotismo para a época, não só pelos críticos de arte, mas também por Baudelaire, seu defensor e amigo. Por isso e ao mesmo tempo, foi recebido por alguns como se a figura não expressasse sua feminilidade.

Para aqueles que buscavam nas artes os padrões acadêmicos, Lola realmente não tinha a feminilidade da mulher idealizada, da mulher renascentista ou do romantismo, que eternizava a perfeição e era como a representação de uma divindade. A mulher etérea, sensível, intocável, perfeita em todos os sentidos, subjulgada pelo poder do inalcançável.

A mulher que Manet pintava era a mulher de seu tempo. A mulher moderna no sentido real. A mulher que existe, cobiçada pelos homens e ciente de seu poder, como uma representação feminina espanhola. A mulher da moda. A mulher que fez sucesso na Paris oitocentista e foi aclamada por versos de Baudelaire.

O erotismo do quadro, que hoje não entendemos, talvez seja exatamente este. Está em Lola e não no quadro. Está no tema espanhol, na representação de uma nova mulher que surgia no século XIX. Nas majas, em Carmem, mulheres espanholas, e em todas as suas imagens de sucesso. Na mulher da moda. Na tradução do moderno. No novo que Manet soube tão bem perceber e traduzir em suas obras.

E Manet demonstrou ser moderno principalmente em sua forma de pintar. Suas obras por vezes, pareciam inacabadas e a técnica era livre, com pinceladas rápidas e soltas. A tinta era quase pura. O efeito estuque, também com muita tinta. Sob esse aspecto, Manet buscou uma evolução do passado. Foi moderno sem deixar de ser conservador.



*Étole Lola de Valence Edouard Manet
Museu d'Orsay, Paris, França.*

Na exposição “*Manet-Velázquez: La manière espagnole au XIXe siècle*” do Museu d’Orsay, realizada de 17 de setembro de 2002 a 12 de janeiro de 2003 em Paris, foram desenvolvidas peças, como uma estola, inspirada no quadro *Lola de Valencia* de Edouard Manet. A estola foi editada pela Reunião dos Museus Nacionais, desenvolvida em mousseline de seda (chiffon) e faixas de cetim, medindo 140 cm de comprimento e 40 cm de largura.



*“T-shirt Lola”
Museu d’Orsay, Paris, França.*

Assim como a estola, outros “*souvenirs*” foram criados, como o “lenço *Lola*”, com a medida de 52 x 52 cm em seda ou a “*T-shirt Lola*” em algodão, ambas com a estampa da saia da pintura *Lola de Valencia* de Manet do século XIX.

A saia estampada e o floral de *Lola de Valencia* tornaram-se realmente o diferencial do quadro. Não só pelo trabalho excepcional do artista, das cores e da técnica, mas pela força imponente que elas inserem na construção da personagem. A saia e o floral representam a moda feminina que é eterna.

Com o floral de fundo preto e cores vivas, um exímio trabalho e pinceladas que ficaram eternas, hoje vemos a memória do quadro *Lola de Valencia* de Manet representada pelo floral da saia da bailarina. Uma estampa que retrata a eternidade da flor, da feminilidade, da mulher e de Manet. E eterniza a simbologia de uma imagem.

“A arte contemporânea não é tal apenas porque é a arte do nosso tempo, mas porque quer ser do seu próprio tempo”. (ARGAN, 1995, p. 55).

E Manet sempre quis ser de seu próprio tempo, e assim, foi moderno. Foi contemporâneo. É atual e será sempre eterno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e Crítica de Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. Editora Schwarcz, São Paulo, 1998.

BOLLOCH, Joelle. **Painters, the Salon, and Critics, 1848-1870 graphism design and printing**. Translated by Fabrice Troupenat and Steve Taviner. Paris: Musée d'Orsay, 2002.

BRIONI, Fer, Charles Harrison, Francis Frascina, Nigel Blake, Tamar Garb. **Modernidade e modernismo: a pintura francesa no século XIX**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. Coleção Arte moderna: práticas e debates.

COLI, Jorge. **O corpo da liberdade**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

DA COSTA JUNIOR, Martinho Alves. **Mulheres de Chassériau**. IV Encontro de História da Arte - IFCH / UNICAMP, 2008.

EWING, Campbell Lewis. **Media Transpositions in Edouard Manet's 1862 paintings and prints**. LIBRARY. The University of Auckland. Disponível em <http://researchspace.auckland.ac.nz>.

FRIEDRICH, Otto. **Olympia: Paris no tempo dos impressionistas**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JIMÉNO, Frédéric. **La obra de Goya conservada em Aragon. A propósito de dos centenários (1908-1928)**, J. C. LOZANO (dir.), **La memória de Goya (1828-1978)**, Laragoza, Museo de Bellas Artes, 7 de febrero – 6 de abril de 2008, Zaragoza. Gobierno de Aragón, 2008. pp. 159-211.

LYNTON, Norbert. **O mundo da Arte: Arte Moderna**. Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda, 1978.

PEREZ, Carmen Camero. **Charles Baudelaire: de la crítica de arte a la transposición pictórica**. Universidad de Sevilla.

REYERO, Carlos. **Soy de España. El casticismo de los pintores españoles en el salón de Paris durante el II imperio**. Cuadernos de arte e iconografía / Tomo IV – 8. 1991.

SEBASTIAN, Juan Antonio Muñoz. **Influencias Iconográficas de Goya en Los Artistas Extranjeros**. Cuadernos de Arte e Iconografía. Tomo I – 1. 1988. (Texto de la conferencia pronunciada en la Fundación Universitaria Española el 28 de mayo de 1987 dentro del III Curso de Arte e Iconografía).

XIMENES, Maria Alice. **A saia motriz: um percurso nos mistérios da representatividade e vestimenta espanhola**. Campinas, SP: Tese de Doutorado, 2009.

Site: <http://www.museedorsay.gov.fr>